

## UM QUADRO E SUAS VERSÕES AO PASSADO

Quando Teófilo abriu o estabelecimento, lá estava, por baixo da porta, uma gravura. Quem a botara ali? Recuou-se ele, desde a infância, àquelas professorinhas a quem os meninos de então, eletambém, chamavam “fessora”. Não. Não era.



— Apenas uma foto de currículo, senhor. O vento. Quem sabe, algum retrato que vazou do cesto – disse a auxiliar das pastas.



O vento. Isto mesmo! O que fazem as empresas com os currículos que lhes chegam aos montes? Afinal, não se sabe de alguém que tenha tomado currículo de volta. As cartas, as fotos, sim. Mas não era uma foto. Nem carta. Um quadro, com aparência de coisa fina: *oil on canvas* – e, no verso, ilegíveis os nomes, do quadro e do autor.

— Não é fotográfica! – disse Teófilo.

A secretária deu o dito pelo não dito. Bem que o assunto poderia ter morrido ali mesmo. Contam que Teófilo pegou a gravura e, cuidadosamente guardou-a.



Contam que ele, todos os dias, colocava-a sobre uma mesa imensa, de tampo de vidro, e botava-lhe lupa. Examinava-a repetidamente. Quando entendia que o tamanho estava bom, retocava-a em vermelhos, tudo a partir de um lápis de cor, desses de marcar CD’s, que ele antes utilizava para avivar os rótulos do estabelecimento. Pior, mal chegava um freguês, lá estava ele a indagar se conhecia aquela jovem.



Muitos, de tão repetidos os interrogatórios, antecipavam-se e, antes mesmo de regatear preços, esclareciam que não.

— Bem que o amigo poderia tê-la visto na quermesse... não?!

Na quermesse! Como se as jovens de hoje fossem à quermesse. Não; ninguém sabia. Não fora encontrada. Outros garantem que o retrato nada teria de misterioso e muito menos a ver com um suposto vendaval, mesmo porque o vento, ali, as janelas fechadas, seria nenhum.

Teria sido assim, de uma outra versão: Teófilo, um dia restaurou um sonho e rascunhou-o no ar. Aliás, “riscou-o” em cima da perna, mal acordara. Correu com toda pressa para o estabelecimento, botou o sonho em papel e remeteu-o, mediante gorda retribuição, a uma sociedade de pintores. Até abriu concurso. Deu instruções, assim e assado. Quando chegou o quadro, um amigo objetou que não havia, naquela pintura, nenhuma referência sobre a parte de baixo. Realmente, olhando-o, não dá para garantir que a jovem tenha algo abaixo cintura. «Claro que deve ter!», dizia ele ao amigo. Re-



almente, não existe pessoa só do peito para cima. E o resto? Como haveria de ser o resto? Contam que Teófilo, do alto de suas muitas exigências, não teria reclamado da equipe de pintores, mesmo porque as indicações do sonho a nada mais abrangiam que as partes superiores, tal como está. Dizem que Teófilo padecia do medo pânico



de exigir algo a mais, digamos, um novo quadro, de corpo inteiro, pois lhe assaltava o terror de jamais “encontrá-la” se acaso aparecesse nesse novo formato, dos pés à cabeça. Afinal, no sonho, era-lhe somente aquela parte, a de cima. Mostrava-se ela também de lado, mas nem tanto. Sim, a outra manga da blusa, onde estaria a outra manga? Não dá para ver – os cabelos são-lhe longos e espessos. Muito estranho, não?!

Até que um belo dia, um caixeiro viajante deu notícia de um pintor, um certo Allan R. Banks, norte-americano, nascido em 1948. O quadro? Justo aquele da gravura: *Hanna*. Nada a ver, portanto, com o sonho, aliás, com o pesadelo de Teófilo. O problema é que ninguém acreditou.

Leitor, por obséquio, não me pergunte sobre desfecho. Isto pertenc-

ce ao passado, algo totalmente inacessível até mesmo aos senhores historiadores. De fato, se dois historiadores se encontram, igual aos críticos de Literatura, desentendem-se imediatamente. O que, pois, dizer dos muitos boateiros que balanceavam dia e noite a vida de Teófilo e seu quadro misterioso?! Sobre o futuro, não! Isto é assunto calmo, o futuro. Todos nós sabemos-lo. Experimente colocar qualquer pergunta no modo “acontecerá”, e a resposta será imediata. Por isto mesmo é que os feiticeiros e adivinhos estão todos desempregados. Inclusive Teófilo.



**HANNA**, Oil on canvas, 24 x 20 inches (60.96 x 50.80 cm) Private collection, by Allan R. Banks, USA, 1948- [www.gandy.net.com/art/Masters/Allan\\_Banks](http://www.gandy.net.com/art/Masters/Allan_Banks), *leitura* de Soares Feitosa.

**ABÍLIO TERRA JR:** um rosto feminino com uma beleza intrigante, vastos cabelos, um olhar de jovem que enxerga além do momento um sonho distante, lábios a espera de um beijo: um quadro que Teófilo nunca esqueceu, que cresce aos nossos olhos nos encantando, e que provoca você, nobre Poeta, a indagar dos sonhos de Teófilo, que projetaram um quadro, a tecer um poético texto e até descobrir que o autor desta maravilha foi um certo Mr. Allan Banks e que Hanna é o nome da mulher que neste momento também me fascina.

**ADRILES ULHOA PINTO:** Li, gostei. Reli, gostei mais ainda! Incrível a facilidade com que você escreve sobre temas tão dispares, com igual beleza. Este conto da figura da moça que chegou ao escritório do Teófilo por debaixo da porta e que tanto reboliço causou é fascinante. E olhe que só chegou a metade! O desenrolar da história vai num crescendo (como as ampliações que o Teófilo fazia) que até parece estarmos ouvindo o Bolero de Ravel. Só não gostei do chato do caixeiro viajante descobrir e vir revelar o nome da personagem e do autor da obra. Preferia que tivesse ficado para a imaginação de cada leitor o seu nome, como ficou a descoberta de como seria o resto do seu corpo. [Ainda bem que ninguém acreditou!]. Desde o começo da leitura eu a vi de corpo inteiro. E, com aqueles cabelos, aquele olhar, aquele colo...o resto é detalhe! Chamei-a de... Bem, deixa pra lá que a moça é sua.

**ALEILTON FONSECA:** Ler sua prosa é sempre uma aventura mágica

para o leitor. Você opera com a sugestão, imbrica o texto com a imagem, cria uma sinestesia estonteante. Cresce a sensação narrativa, as palavras vão palpitando, cresce a imagem da musa em rouge. E, nesse compasso, já amamos Hanna, de Allan R. Banks, mais que seu próprio "pai". Ela se torna a nossa nova Gioconda, tão bela e enigmática quanto a diva de Da Vinci. Dá vontade de gritar: "Hanna, meu amor, sai de ti mesma, liberta-te da moldura, e me abraça com teus cabelos".

**ALEXANDRE FORTE:** Li o conto. Parece conto. E espiando o quadro mais de perto, no sítio do próprio Banks, a impressão que se tem é que se trata de imagem viva. Como escritor, amante das artes plásticas, por diversas vezes já destes prova da rara capacidade de captar o sentido e os múltiplos significados estampados numa tela, transpondo-os criativamente para a forma textual, fazendo da imagem poesia. E assim a interligação entre literatura e pintura, numa interface entre a poesia visual e a cantoria.

**ANDRÉ SEFFRIN:** Que belo texto! Um texto que só pode ter a sua assinatura. Você, como sempre, dá sustos na gente.

**ANTONIO MARIANO:** Soares Feitosa, gosto de sua prosa, onde muito vislumbramos as lições de mestres como Machado, Graciliano, Rosa, Carmo Bernandes, Bernardo Elis. Este Um quadro e suas versões ao passado vem reafirmar seu talento de contador de histórias reais ou

inventadas. Aqui, constatamos um talento especial para prender o leitor do início ao desfecho do caso. Você deveria investir mais em projetos de maior fôlego.

**ANTONIO PALMEIRA:** Quem nunca foi um Teófilo ou quem nunca teve uma Hanna que atire a primeira estrofe...

**ASTRID CABRAL:** Hanna é uma linda figura em claro-escuro barroco: a noite dos cabelos, o dia na face iluminada. Mas o pincel de Banks só nos dá o visível. Em que pensa Hanna por baixo da bela cabeleira? Por quem ou por que bate seu coração atrás do belo busto? Que veem seus olhos? O invisível, amigo, só a palavra, muito além do pincel, pode nos dar. Assim a história de Teófilo vai além da figura de Hanna... Conhecemos de Teófilo bem mais que a máscara de Hanna. Dele temos o interior, a emoção; dela a pele, a aparência. Afinal, Soares Feitosa nos diz mais que Banks... Quem escreverá a história do ponto de vista de Hanna, penetrando a esfinge? Você fica nos devendo o outro lado da história, amigo.

**AUGUSTO NESI:** Fiquei impressionado com o "conto" sobre a pintura que parece foto... fiquei assustado como o Teófilo... e como ele, apaixonado pelo semblante representado na pintura. Adorei.

**CARLOS FELIPE MOISÉS:** Gostei demais dessa Hanna e acho que entendo bem o drama do Teófilo. Por uma "fessora" dessas, quem não voltaria a ser aluno?

**CARMEN ROCHA:** Que importa pintura ou gravura, inteira ou semi? Que importa o resto de Hanna, se já basta o rosto? O que importa é o texto de arte em sonho. Sim, aliviou.

**CIDA SEPULVEDA:** O estar pronto não significa que estamos acabados, mas significa ter atingido uma tal volatilidade de imagens que as palavras perdem suas cinéticas originais, transmutam-se em algo que vai muito além do que podem imaginar as bocas que as geram.

**EDNA MENEZES:** O sonho e a realidade se entrecruzam no ato de se forjar a arte. Ah! Abençoada Arte! Esse texto confirma as palavras de Santo Agostinho, em outro contexto, mas que encaixam muito bem aqui, o passado e o futuro não existem, só o presente existe, pois quando se fala do passado é presente e quando se fala no futuro é presente. A arte é o eterno presente. E se sonhada, inspirada ou imaginada é sempre a representação do mundo sensível. E também gostei do estilo "machadiano" de chamar o leitor para o interior do texto. Metalinguagem pura, e consciência de que o leitor é, conforme Jauss, co-partícipe do texto, diacrônica e sincronicamente.

**EDUARDO DIATAHY BEZERRA DE MENEZES:** Chico, gosto de sua poética narrativa: você tem o dom e o talento da coisa. E esse recurso que acompanha o texto de ir ampliando o quadro é maravilhoso e torna a expectativa mais intensa.

**IZACYL GUIMARÃES FERREIRA:**

Seu poema em prosa é também uma demonstração de que essa coisa de poesia visual (sic) tem muito o que aprender com quem sabe juntar palavras e usar o visual como devido: crescendo no espaço e dentro do contemplador.

**JOÃO DE MORAES FILHO:** Li Um quadro e suas versões ao passado com o gosto de quem pinta a memória com as cores dos olhos e com aquela interrogação de quem recebe um bilhete de amor sem assinatura. Lembrei-me dos versos de Narlan Matos, a poesia que há em \*Theatro\* é o susto das correspondências diárias, surto dos currículos e do tique-taque do corre-corre desse início de século: \*Por baixo da porta/ chegam mais contas que soluções / o preço do pão é o preço da vida. / E não há nenhum milagre marcado para segunda feira. Será\* que Teófilo descobrirá uas versões ao passado a tempo? A história se constrói imediata com suas cenas e diálogos bem delineadores da emoção que os personagens transmitem e elevam a um ambiente contemporâneo, sem os exageros do realismo travestido. Mas aquele olhar de quem está entre a fronteira da criação e da realidade é a mais valia desse “Quadro e suas versões”. Narrar é mais que contar. É mais que um conceito. Aqui ouço um ritmo, a voz de um poeta\*. Sobre o futuro, não! Isto é assunto calmo, o futuro.\* Serão as próximas versões do presente que lerá passado e futuro nesse misterioso eterno retorno. Fechadas as portas e as janelas\*: Como haveria de ser o resto? \*Será realmente silêncio\*?

\*Como foi dito, (não é mesmo?) o autor não foi encontrado para obtermos as respostas imediatas!

**JOAQUIM SAIAL:** Primeiro: aqui o bicho por detrás do ecrã do computador, não é poeta. Apenas mero professor de História da Arte, simples conferencista, algo escritor e forçado director de revista de cultura, para além de destemido artífice de 1001 outras coisas. Mas não poeta, apesar de uma ou outra vez poetar. E digo-o sem auto-desdém ou outro tanto para os meus colegas destas coisas que antes disse que sou. É que ser poeta é ser muito acima de mais. Como muito bem disse a minha conterrânea (porque de Vila Viçosa), Florbela Espanca, «Ser poeta é ser mais alto, é ser maior do que os homens!» Daí que, estamos conversados, nunca mais me chame poeta, coisa que nunca poderei ser, dado que sou simples e irrevogável homem. Segundo: Envia-me uma short story que me deixa de água na boca. Acho que isso é vingança do destino, dado que muitos me têm dito o mesmo acerca de longo conto que escrevi, situado na ilha de S. Vicente, Cabo Verde, em que a personagem principal, Fernando Desamparado da Luz Spinelli, acaba esborrachada na parede do mercado municipal (ou ‘plurim de verdura’, como ali se diz) quando o leitor está à espera de outras desgraças e não da morte do dito cujo. Mas deixemos isso, que não se trata aqui de falecimento de gente mas de uma woman in red, não da vulgar femme fatale, mas de um ser coberto de fogo intenso que enche a tela de labaredas. Diabo, essa de fogo persegue-me. Há dias,

eu que ali acima disse que não sou poeta, enviei versos sobre fogo ao poeta (esse sim!) Ruy Ventura, em contexto de incêndios que estão a fazer desaparecer as últimas duas ou três árvores que ainda existem em Portugal... Mas lá estou eu a fugir da mulher de vermelho. O que se passa é que a partir de agora, quem ler o seu texto há-de sempre ver essa misteriosa 'Hanna' de meio corpo junto ao seu conto e vice-versa. Um ficou definitivamente fundido no outro, como uma mesma e só entidade. O quadro, da Gandy Gallery, em Creekwood Court, McDonough, Geórgia, não tem o desgraçado veneno social do 'Fado', de José Malhoa, mas há aquele ombro escondido na penumbra que me remete para a Adelaide da Facada, figura feminina da tela malhoana, que o pintor quis retratar com a alça da camisa descaída, coisa que ela não deixou (disso ficou aliás um pequeno quadro de estudo). Miséria também tem os seus pruridos... Terceiro: As coisas no Brasil não vão bem, mas onde é que elas vão bem? Olha, Feitosa, aqui te envio o (quase) poema e o conto, para aliviar um pouco, que essa 'Hanna' e sobretudo o seu conto foram o melhor deste dia. Um forte abraço aqui da Cova da Piedade (Almada) para si,

**JORGE PIEIRO:** téofilo é de panaplo, sim. a jovem também. pois que já os mirei, embebecido em andanças por aquele caos portátil, quando chorava pedras sentindo a solidão. eu pensei que os havia perdido para sempre, mas eis que de relance uma recompensa pela esperança, e encontro-os. em

palavras, em imagens cada vez mais próximas. seria seu esse meu novo delírio? pois que o seja. e obrigado por mostrar a pista novamente.

**JUAREZ LEITÃO:** A pintura... esta mulher que, da montanha, se iguala às nuvens e, de singela e triste, se faz tarde ou manhã, os seios, certamente ávidos das mesmas mãos que destilaram FEMINA e se condenaram eternamente a transpirar essências. Esta mulher é o nosso pecado mais sagrado, aquele que guardamos no melhor alforje das estimações, como a farinha-com-rapadura dos comboieiros, para meter a mão e enchê-la de um bom bocado a saciar a fome. A fome nordestina de mil anos, a fome ardente dos seminaristas. Aqueles que fomos e ainda somos. O poema e a moça vêm em boa hora para a solidão desta madrugada.

**LUIS MANOEL PAES SIQUEIRA:** Será que se a gente colocasse um anúncio num jornal, aparecia alguém parecido com ela, hein Feitosa, que achas? Linda mulher. Apaixonei-me por uma assim, retrato de formatura antigo, num corredor do Colégio Agnes Erskine no Recife. Ela era de uma turma de moças formadas em 1920. Nome: Argentina. Belíssima. Que negócio mágico esse negócio de beleza de mulher. Já assististe MALENA, de Tornatore O mesmo diretor de CINEMA PARADISO. Assista. O nome da sereia é Monica Belucci. E vou logo lhe avisando: Eu me apaixonei primeiro. Vou copiar e guardar na memória o retrato da moça. E não sofro de priapismo!

**MARCO AQUEIVA:** apreciei muitíssimo está comovente parábola da imagem primordial e cara, dolorosamente fugaz e que por isso mesmo tentamos reencontrar. Dolorosamente embalde. Tentativa de reencontro com o sonho. A infância não só são ruínas. O seu texto o prova, transcendendo muito a extensão da tela.

**MARIA DO CARMO FERREIRA:** Sua formatação, sua "letra", sempre instigante, novidosa, invencionista, ritmo-em-prosa e, sobretudo, o quadro. Dá vontade de gritar plágios: Per ché non parla? Parabéns em dobres & redobres!!

**MARIA DA PAZ RIBEIRO DANTAS:** Sobre seu conto, a chave dele está naquele final, quando se chega à suposta identidade da figura pintada no quadro: chegando-se à sua origem no tempo, chega-se ao autor do quadro; chegando-se a este, tem-se o nome da personagem. São dados que satisfazem o lado realista (utilitarista) da grande maioria dos seres humanos. Mas há um outro hemisfério do ser que escapa a essa instância: é o sonhado. Você mostra que Teófilo ressonhou aquela figura - que alguém, por sua vez já havia sonhado, pelo pincel do pintor... E por que Hanna, embora tenha a mesma aparência da imagem retocada por Teófilo, nada tem a ver com o sonho dele? Simplesmente porque há um conflito insolúvel entre sonho e realidade. Cada sonho é único. É feito de camadas de intimidade, de imaginação. "Freud explica", sim. Mas no fundo, a busca da realidade (no sentido de conflito, de neurose) através da psi-

canálise, que o desmascara (e que pode ser um pesadelo) implica a morte do sonho. Por isso não dá pra dizer o que vem depois... Seu texto é um insight de tudo isso. Sobre tudo da relação da arte com o real.

**MIGUEL CARNEIRO:** O mistério se revela em grandeza no rosto pueril e belo que nos reporta a essa imagem perdida em lembranças que também nos reporta a estampas de sabonete Eucalol e figuras impressas em latas de metal de biscoitos importados. Só um rosto e aquele desejo de vê-la nua, de corpo inteiro, para que nossa curiosidade se desvele e esse desejo se concretize por inteiro. Por si só "Hanna" nos remete a pronunciar em silêncio saboreando cada som emitido. O conto é belo! E a tua pena magistral vai aos poucos nos conduzindo pelos meandros da beleza e do desejo. Quem dera, nobre Bardo que a gente tivesse uma "Hanna" dessas em nossa cama ao menos uma vez no ano aliviava a obrigação cotidiana de engolir sapos ao amanhecer.

**MANTOVANI COLARES:** Agradeço a viagem literária proporcionada no instigante texto. Ele tem o sabor do vento, das quermesses, das pálidas fotografias moldadas pelo tempo, em contraste com a pintura de Hanna, avivada por cores e sabores imaginados. Você recusa um desfecho. Pensando melhor, des-fecho é a negação (des) do fecho. O prefixo nos trai. Daí que um desfecho é quando se deixa algo aberto, como em sua bela crônica, a nos causar a sensação do gosto na boca jamais experimentado, daqueles carnudos

lábios da gravura que se fez encaixe sob a porta de quem há muito esperava um chamado do destino.

**NICODEMOS SENA:** Li o teu "Um quadro e suas versões ao passado", que me fez refletir sobre uma questão presente em boa parte da melhor Literatura, em todas as línguas, desde "As mil e uma noites" até "Jardins de caminhos que se bifurcam", do J. Luís Borges: a questão dos limites entre o sonho e a chamada "realidade". Intrigante é que, no teu conto, a decifração do enigma não veio da "realidade", pois ninguém a quem o narrador perguntou soube informar algo sobre a jovem retratada no quadro. Também no sonho ele encontrou explicação, pois, ao garatujá-lo quando retornou à vigília, o sonho se desenhava incompleto, com a parte de baixo da mulher se recolhendo nas brumas de seu esquecimento, onde o homem costuma refugiar-se para não enlouquecer. Afinal, foi a intrigante figura do caixeiro viajante - esse prestidigitador do tempo, capaz de estar em todos e em nenhum lugar - que revelou o enigma: tratava-se do quadro Hanna, do norte-americano Allan Banks, nascido em 1948. Mas alguém é capaz de discernir o que é verdade e o que é mentira nas mil histórias que um caixeiro viajante vai recolhendo em suas andanças? Apesar disso, por onde ele passa, todos o inquiram avidamente; e é assim que a "mentira" converte-se em "verdade", e a palavra adquire o status de arte!

**NICOLAU SAIÃO:** O texto cresce e a foto cresce - e nós crescemos com eles, com aquela foto de uma linda

morena, de uma jovem que - compassivamente - nos remete para a lembrança do nosso amor: não sei, mas cá comigo foi assim, sobre o seu rosto pousou o rosto da mulher amada. Por um passe de mágica, decerto, ou por mansa loucura, encantadora loucura, de coração enamorado. Ou pela magia do pintor? Hum!, que os pintores têm por vezes destas prestidigitações, ilusioando-nos com o pincel de tal maneira que tudo passa a ser verdade verdadinha mais verdadeira que a outra. Digo para finalizar que a escrita e a pintura, *verbi gratia* quando se nos apresentam assim, nos comunicam novas alegrias. Novas sabedorias, quero eu dizer. E não foi isso que o Francisco nos buscou dizer na sua saborosa e inimitável maneira?

**PAULO REZENDE:** Você está cada vez mais íntimo das palavras, estão todas "comendo na sua mão". Sonho de qualquer escritor. Muito boa a história da Hanna, mais que isto, muito bem contada.

**RAFAEL BARRETO:** o ensaio-conto é fantástico, a eterna perquirição acerca do belo, uma das constantes angústias do humano.

**RICARDO ALFAYVA:** Não farei comentários técnicos desta vez, direi apenas que chei delicioso o texto. Muito sabor. A moça é linda, e você conduz bem o suspense, aproveitando os recursos de ampliação gradativa da imagem até que a pintura, excelente, apareça diante de nós em todo esplendor, o que nos leva a compreender e compactuar com o sentimento experimentado

pelo personagem principal. Faz já algum tempo, li um compêndio de psicologia, no qual o autor mencionava que sempre nos apaixonamos por um ente idealizado, que nunca corresponde ao real. Ele demonstra os processos psíquicos inconscientes envolvidos, que fazem com que durante o que chama de "período do encantamento" o enamorado apenas perceba no objeto de seu amor aquilo que se acha disposto ou interessado em ver. É curioso, pois a partir dessa leitura e revendo minhas próprias paixões ao longo da vida, concluí, um tanto chocado, que na verdade sempre nos apaixonamos por uma... imagem.

**RODRIGO MAGALHÃES:** Conheço as suas artimanhas. Isto não é um conto. Aliás, isto até zomba da pretensão de contar do conto. Fizeste um ensaio, um ensaio-conto. Agora, um ensaio sobre o quê? Sobre o nosso universo senhado? Sobre a teoria da melhor estória, que deve ser a melhor contada? Sobre a perenidade do instante-belo, sem passado e sem futuro? Sobre o que é ser um Teófilo, um homem à caça da beleza, um Quixote?

**ROSANE VILLELA:** Você é um "parabolista" de primeira, um equilibrista de significantes ocultos na corda bamba dos significados das palavras. "Um quadro e suas versões ao passado" foi outro texto que me levou a indagar se, além da diversão, do prazer que sua leitura nos dá, há um outro sentido. E, como sonhadora ambulante, achei que você, através de seu texto, queria metaforizar a importância do sonho

na vida das pessoas, mas não o sonho que se cumpre, pois o desejo de "estar a sonhar" supera muito o fato dele "estar a se concretizar". Na realidade, o presente só importa quando o sonho não se desmancha, isto é, quando o "estar sonhando" continua, e é acalentado, aumentado até, através de uma lupa, "retocado" de vermelho e, aqui, pode-se notar a escolha vocabular do "retocado" que implica uma volta contínua ao sonho, corroborada na ausência da parte de baixo do corpo da mulher e da nebulosidade de um dos lados de sua imagem, o que lhe permite divagar sobre ela, não correndo, assim, o risco de "encontrá-la". O mesmo acontece com o passado. Ninguém quer acreditar na procedência do quadro, pois não é isso o que importa; todos querem continuar "sonhando" e o futuro sobre ele também é insignificante quanto ao seu real valor, que é o de ele estar sempre a se construir. Daí, adivinhos e feiticeiros virem a estar sempre desempregados, inclusive Teófilo... Enfim, a maneira como a gravura chegou às mãos de Teófilo. Ela simplesmente surgiu, sem explicação. E sonhos podem surgir assim também, trazidos pelo vento ou "restaurados" e "rascunhados no ar". Se Hanna veio pelo vento, ela veio sem dono, livre como qualquer sonho. E se foi restaurado, já existia e nunca, realmente, findara. Esta é a ideia que perpassa todo o texto: a sua atemporalidade e liberdade, e a sua importância na vida humana. (Daí as várias versões).

**SILAS CORREIA LEITE:** Benza-Deus. Moinhos e velcros? Que des-

vêu é esse? O Feitosa, na prosa, quer pegar a gente pelo colarinho da palavra? Onde já se viu isso? Onde há fumaça há salvos de incensos? Adorei o conto com técnica meio borgiana que ora conta, ora desmonta, ora joga bruma, depois sapeca introjetando ensaio, feito estúdio de descombros, enlivra o dizer e joga água palavrática na fervura. Já pensou? Ah, a respeito do Feitosa, há outra contação, é claro, sem tirar nem pôr. Soares Feitosa, tudo o que se dizer dele é pouco. Ele é magnânimo. Tem um site bonito, faz uns agitos legais, coloca a alma no que faz, escreve bem pra caramba, coloco-o junto com o Erroci Santana e mais outros/alguns como um dos melhores da poesia brasileira contemporânea, pouco o conhecemos no tátil/ presencial mas o temos como se fosse, perdão, alma gêmea - bem aquilo que cantou o Rei Soares Feitosa é "um amigo de fé um irmão camarada. Ele é uma alma generosa no mundo às vezes frio-bruto da web. Dá nos o Palco Iluminado do JP e ali todos caem feito um chão de estrelas. Nesse mundo da net, ele, certamente, tem estrela própria, luz próprio, aura e halo próprios. Fino, humanista, inteligente e verdadeiro, coloca inteligência culta na Internet, abre páginas, semeia poesias, faz das tripas chips e assim vai o bolero-blues-baião. Um agitador-promotor lítero-cultural. Fora de série ou fora do sério. Citando o saudoso Gonzaguinha, ele é exatamente gente mais maior de grande. Tenho-o em grande valor, é de ótimo quilate, saca os lances, pinta e borda, o site dele, aliás, já entrou pra história. Já pensou?

Soares Feitosa faz falta quando eventualmente dá um chá de sumiço, queremos saber quais as últimas dele, lemos/vemos/cremos nele, é rotineiro seu estar conosco, seu site é referencial, o indicamos para amigos, parentes, alunos, colegas, e todos dizem, aleluia, o JP é dez! JP é signo ficante e Soares Feitosa em seu canteiro faz brotar o que melhor esperamos nas nossas relações: humanismo, ética, a arte como libertação, para citar Bandeira. E não é isso que esperamos todos, das pessoas com as quais nos relacionamos, muito mais ainda quando depositamos nossos crimes nas mãos-tabuleiros delas? Às vezes a literatura é clube de egos, panelas, bueiros, esgotos góticos, mas com o Soares Feitosa é uma no cravo e outra na iluminura. Ele divulga, detona, alumbra, viça, bate o pênalti, cabeceia pro gol e ainda veste a número um. Sorte nossa. Não existe gente fina assim na web, é joia rara, coisa rara. Soares Feitosa é nota mil em verso e prosa.

**SOLANGE STOPILIGIA:** Agora cedo, na calma da manhã deste meu singelo local de trabalho, li calmamente teu texto e digo-lhe ao mesmo que indago: O que esperar de tal quadro? Das palavras firmes e envolventes de tal mistério? Cada qual em seu íntimo, cria a sua versão fantasiosa em prosa sobre tal história. Ou seria em poesia? Também claro que poderia. Bem Senhor, "coronel" assim chamado por um rapaz que deixou recado; creio ser um dos melhores textos a me levar a longos devaneios.

**TERESA SCHIAPPA:** Desta vez, contudo, a advertência não se dirige à jovem e sim aos curiosos leitores da história, que desejariam saber mais (demais ...) sobre a personagem do quadro, cativa dos sonhos de Teófilo. Do encanto da pintura às encenações fotográficas que o projectam em dimensões crescentes - embora nunca de corpo inteiro - sobressai a recusa do "modo acontecerá", a poética do *carpe diem* ("colhe o dia") onde o olhar da personagem e a vontade do seu poeta nos deixam. Mas será que feiticeiros e adivinhos estão mesmo todos no desemprego? Um abraço grato por este momento de "vidência"!

**VICENTE MONTEIRO:** Sabe, uma das coisas que mais me impressionou foi o jogo com as imagens. Espetacular, já roubei várias. Quanto ao texto, me deixou um vazio doloroso como um fim de um filme com continuação. Só tenho isso a dizer. Vazio.

**WALDIR BARCELOS:** Permita-me dizer que o seu trabalho é belíssimo. Encontrar na internet algo tão maravilhoso somente nos leva a crer que, mesmo que o mundo e a

realidade caminhem em sentido contrário, a esperança de que tudo possa ser diferente evidencia-se. Sou professor de literatura. Visito constantemente seu site e o indico aos meus alunos. Sei que isso é pouco para um trabalho tão imenso quanto o seu. Porém, peço-lhe que considere que cada visita que recebe tem um valor imensurável, possui um mínimo do grande amor que você dedica à vida.

**WEYDSON BARROS LEAL:** ótimo o conto, o quadro, o Teófilo, a escrita. Você, com todo esse conhecimento de religião e filosofia - não admira o nome "Teófilo" - acrescido de todo seu conhecimento de Kafka, criou um conto dos bons. Podia até ser mais longo, que você tem fôlego pra isso. Não sei se todo leitor lhe acompanha. Enfim, coisa boa, como tudo feito por você.

**WLADIMIR SALDANHA:** Depois daqueles joelhos com mel, só mesmo estes ombros - o que se vê e o que se imagina - para devolver-nos o sonho, a doçura possível. A outra manga? Seu texto é um laço vermelho, mais para ver que desatar.

\*.\*.\*

